

A História Oral foi, por longo tempo, abandonada e desprezada como procedimento de pesquisa e estudos. Movimentos mais recentes, como a História do Privado e História das Mulheres, passam a valorizar fontes não escritas, como as orais e iconográficas. Este tipo de abordagem é muito utilizado nas pesquisas e trabalhos produzidos pelo *GEERGE* (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero da FAGED -- do qual participo), que considera essa uma rica e fascinante maneira de trabalhar com a História e, principalmente, com a História da Educação. Como qualquer procedimento de pesquisa, a História Oral apresenta vantagens e limitações. Os problemas usualmente atribuídos à essa abordagem referem-se a questões como confiabilidade e seletividade da memória, repressão de fatos indesejáveis e esquecimentos. Certamente limitações que não devem ser desconsideradas, mas que, intencionalmente ou não, ocorrem também nos documentos escritos. Como utiliza fontes "vivas", a História Oral fascina àqueles/as que com ela trabalham, pois permite perceber as emoções e as versões que os/as depoentes dão à história, oferecendo assim muitas possibilidades para a análise. O que pretendo, nesse trabalho, é examinar as características desse procedimento de pesquisa, especialmente em sua aplicação à História da Educação na perspectiva do Gênero, apoiada tanto na literatura quanto em minhas observações como participante dessas investigações. (CNPq).